

Agressões em indígenas residentes no estado de Roraima, norte da Amazônia brasileira (2008-2022)

*Mario Ribeiro Alves*¹

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: A violência é tema presente em todas as sociedades, sendo um dos problemas da humanidade, que sempre buscou compreendê-la para reduzi-la devido a suas causas e consequências. O presente manuscrito buscou analisar a violência em indígenas residentes nos municípios do estado de Roraima, Norte da Amazônia brasileira, dentro do período de 2008 a 2022. Foram coletados registros de internações por agressões, sendo filtrados por cor/raça indígena e organizadas por municípios de residência e por ano de atendimento, além de serem classificadas por causa, faixa etária e sexo. Taxas de internações por agressões foram calculadas por município e por ano, pela divisão do número de registros de internações pela população, multiplicado por 100.000. Taxas médias foram calculadas por períodos de estudo. Aglomerados espaço-temporais foram gerados a partir de varredura estatística. Houve aumento de valores do primeiro período para o segundo período, redução do segundo para o terceiro e manutenção de valores das taxas no quarto período. Foram observadas maiores taxas de internações em municípios próximos às sedes dos DSEI, tendendo a registrar maior quantidade de episódios de agressões em áreas próximas a locais onde há disponibilidade destes serviços. Levanta-se a reflexão para a temática da violência como questão multifatorial, incentivando-se novos estudos que contemplem a coleta de dados primários, possibilitando análises mais refinadas.

Palavras-chave: Saúde indígena; agressão; região amazônica; análise espacial.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Doutorado em Epidemiologia em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz. Pós-doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Mato Grosso.

Aggressions against indigenous people living in the state of Roraima, Northern Brazilian Amazon (2008-2022)

Abstract: Violence is a theme present in all societies, being one of the problems of humanity, which has always sought to understand it in order to reduce it due to its causes and consequences. This manuscript sought to analyze violence among indigenous people living in municipalities in the state of Roraima, in the north of the Brazilian Amazon, within the period from 2008 to 2022. Records of hospitalizations due to aggression were collected, filtered by indigenous color/race and organized by municipalities of residence and by year of service, in addition to being classified by cause, age group and gender. Rates of hospitalizations for assaults were calculated by municipality and by year, by dividing the number of hospitalization records by the population, multiplied by 100,000. Mean rates were calculated by study periods. Spatiotemporal clusters were generated from statistical scanning. There was an increase in values from the first period to the second period, a reduction from the second to the third and maintenance of rate values in the fourth period. Higher hospitalization rates were observed in municipalities close to the DSEI headquarters, tending to register a greater number of episodes of aggression in areas close to places where these services are available. Reflection on the theme of violence as a multifactorial issue is raised, encouraging new studies that include the collection of primary data, enabling more refined analyses.

Keywords: indigenous health; aggression; Amazon region; spatial analysis.

Agresiones contra indígenas que viven en el estado de Roraima, norte de la Amazonía brasileña (2008-2022)

Resumen: La violencia es un tema presente en todas las sociedades, siendo uno de los problemas de la humanidad, que siempre ha buscado comprenderla para reducirla por sus causas y consecuencias. Este manuscrito buscó analizar la violencia entre indígenas que viven en municipios del estado de Roraima, en el norte de la Amazonía brasileña, en el período de 2008 a 2022. Se recopilieron registros de hospitalizaciones por agresión, filtrados por color/raza indígena y organizados por municipios de residencia y por año de servicio, además de estar clasificados por causa, grupo de edad y sexo. Las tasas de hospitalizaciones por agresiones se calcularon por municipio y por año, dividiendo el número de registros de hospitalización por la población, multiplicado por 100.000. Las tasas medias se calcularon por períodos de estudio. Los grupos espaciotemporales se generaron a partir del escaneo estadístico. Hubo aumento de valores del primer período al segundo período, reducción del segundo al tercero y mantenimiento de valores de tasa en el cuarto período. Se observaron mayores tasas de hospitalización en los municipios cercanos a la sede del DSEI, tendiendo a registrarse un mayor número de episodios de agresión en las zonas cercanas a los lugares donde estos servicios están disponibles. Se plantea la reflexión sobre el tema de la violencia como cuestión multifactorial, incentivando nuevos estudios que incluyan la recolección de datos primarios, posibilitando análisis más refinados.

Palabras clave: salud indígena; agresión; región amazónica; análisis espacial.

Tema presente em todas as sociedades e dotado de diferentes significados e facetas (SOUSA *et al.*, 2014), a violência é um problema da humanidade, decorrente de práticas políticas e relacionais, relacionando-se também a teorias sociais. Sendo questão permeada por controvérsias, a sociedade sempre buscou reduzi-la por suas causas e consequências, a partir do entendimento de sua natureza e de suas formas (MINAYO, 1994).

Dentro da sociedade brasileira, a questão da violência é uma das consequências do desenvolvimento econômico, ampliando as desigualdades sociais presentes no país, não podendo ser atribuída a um grupo, pois há cumplicidade interligada entre diversas esferas que acabam gerando processos sociais que têm como consequência a desigualdade e a injustiça observadas no país. Por todas estas características, pode-se observar que a violência é multideterminada (MACEDO *et al.*, 2001; MINAYO, 1994a).

No tocante aos indígenas, episódios de violência contra esta parcela da população brasileira não são recentes, haja vista a colonização do continente americano por portugueses e espanhóis (VIEIRA *et al.*, 2012). Apresentando diferentes estágios de desenvolvimento, os indígenas vivenciam uma histórica incorporação ao restante da sociedade brasileira, marcada por hábitos diferentes de seus costumes e de suas culturas (ALVES e ATANAKA, 2022; QUEIROZ, JUNIOR, 2021; SOBRAL, 2022). A partir da literatura científica e do contexto envolvendo os indígenas, salienta-se que estes episódios de violência não ocorrem ao acaso, podendo e devendo ser prevenidos e evitados a partir de melhorias nos contextos políticos, sociais, culturais e econômicos, promovendo valores de paz, além de proporcionar oportunidades aos grupos que se encontram mais expostos (MACEDO *et al.*, 2001).

A partir da temática apresentada, o presente trabalho teve como principal objetivo analisar episódios de violência em indígenas residentes nos municípios do estado de Roraima, Norte da Amazônia brasileira, dentro do período de 2008 a 2022. Foi utilizada metodologia de estatística espacial, visando fornecer uma abordagem mais refinada às análises dos dados. Apesar da importância enquanto tema de saúde pública, não foram observados estudos científicos que avaliassem agressões em indígenas roraimenses, o que ressalta o ineditismo deste estudo, reforçando sua relevância.

Sobre a pesquisa

Trata-se de estudo descritivo e ecológico, com uso de dados secundários, mapas temáticos e com metodologia estatístico-espacial.

O estado de Roraima é formado por quinze municípios: Alto Alegre, Amajari, Boa Vista (capital do estado), Bonfim, Cantá, Caracarái, Caroebe, Iracema, Mucajaí, Normandia, Pacaraima, São Luiz, São João da Baliza, Rorainópolis e Uiramutã. Todos os municípios têm indígenas em suas respectivas populações. O estado é contemplado por três Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI):

Leste de Roraima, Manaus (que apesar de englobar o território de Roraima, possui sede fora deste estado) e Yanomami (Fig. 1). Os DSEI promovem controle social por meio da organização de serviços que articulam atividades técnicas a partir de ações em saúde, reorganizando suas respectivas redes de atenção à saúde (BRASIL, 2002).

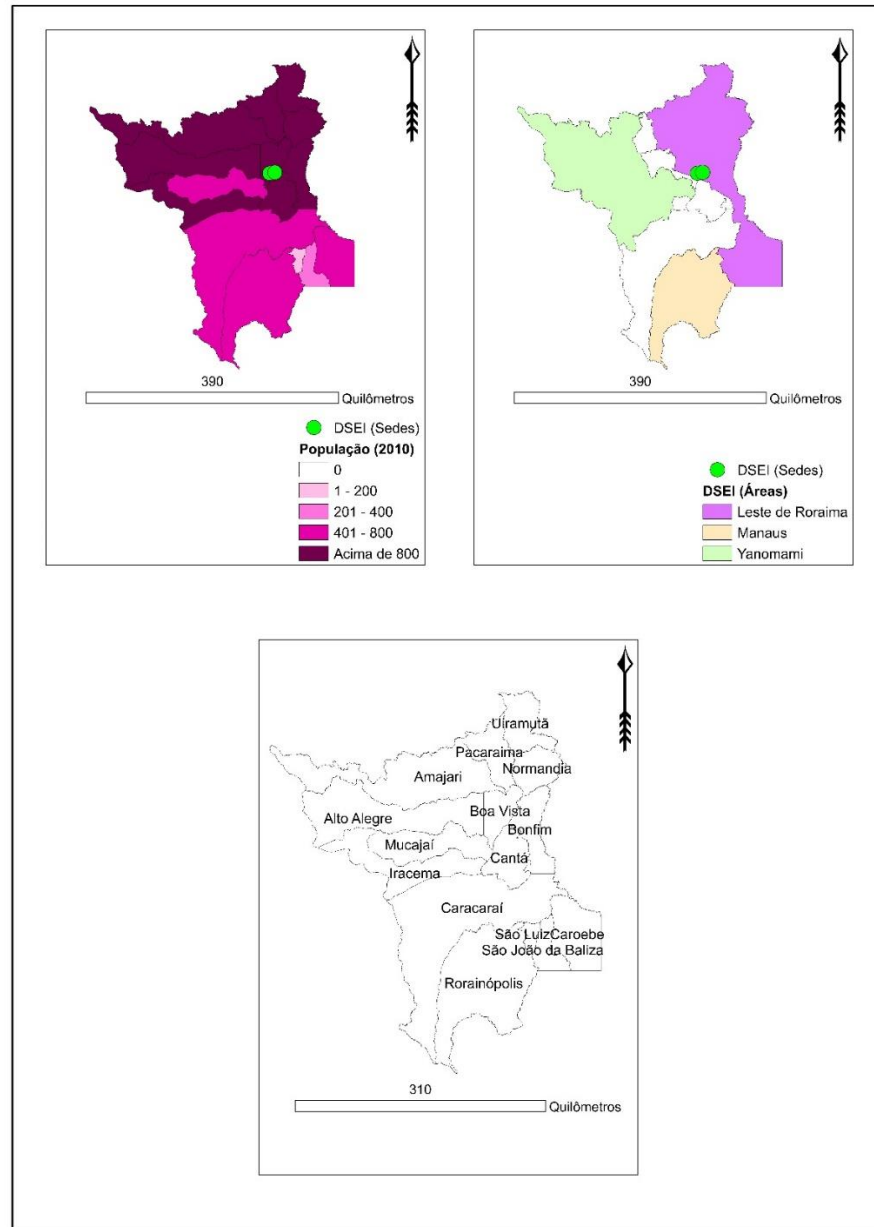


Figura 1 – Caracterização da população indígena, dos DSEI e dos municípios do estado de Roraima, Norte da Amazônia brasileira.

Os registros de internações por agressões foram obtidos junto ao Sistema de Informações Hospitalares do Ministério da Saúde (SIH/SUS). Trata-se do grupo de causas de X85 a Y09, englobando as seguintes categorias de causas (com seus respectivos códigos): agressão por meio de drogas, medicamentos e substâncias biológicas (X85), agressão por meio de substâncias corrosivas (X86), agressão por pesticidas (X87), agressão por meio de gases e vapores (X88), agressão por

meio de outros produtos químicos e substâncias nocivas especificados (X89), agressão por meio de produtos químicos e substâncias nocivas não-especificados (X90), agressão por meio de enforcamento, estrangulamento e sufocação (X91), agressão por meio de afogamento e submersão (X92), agressão por meio de disparo de arma de fogo de mão (X93), agressão por meio de disparo de espingarda, carabina ou arma de fogo de maior calibre (X94), agressão por meio de disparo de outra arma de fogo ou de arma não-especificada (X95), agressão por meio de material explosivo (X96), agressão por meio de fumaça, fogo e chamas (X97), agressão por meio de vapor de água, gases ou objetos quentes (X98), agressão por meio de objeto cortante ou penetrante (X99), agressão por meio de um objeto contundente (Y00), agressão por meio de projeção de um lugar elevado (Y01), agressão por meio de projeção ou colocação da vítima diante de um objeto em movimento (Y02), agressão por meio de impacto de um veículo a motor (Y03), agressão por meio de força corporal (Y04), agressão sexual por meio de força física (Y05), negligência e abandono (Y06), outras síndromes de maus-tratos (Y07), agressão por outros meios especificados (Y08) e agressão por meios não-especificados (Y09). As internações foram filtradas por cor/raça indígena e organizadas por municípios de residência e por ano de atendimento, além de serem classificadas por causa, faixa etária e sexo.

A população indígena referente ao ano de 2010 foi adquirida junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir do Censo Demográfico do referido ano. Na sequência, calcularam-se as estimativas populacionais de 2011 a 2022, com base na taxa média de crescimento populacional em indígenas, referente a 1,1% ao ano entre os Censos de 1990 e de 2010 (IBGE, 2012). Para 2008 e 2009, foram calculadas taxas de decréscimo populacional, referentes ao mesmo valor. As malhas digitais referentes às áreas e às sedes dos DSEI foram obtidas na Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2021a; FUNAI, 2021b).

As taxas de internações por agressões foram calculadas por município e por ano, a partir da divisão do número de registros de internações pela população, tendo resultado multiplicado por 100.000. Posteriormente, taxas médias foram calculadas a partir da soma das taxas anuais, dividida pelo número total de anos por período, sendo eles: 2008-2011, 2012-2015, 2016-2019 e 2020-2022.

Aglomerados espaço-temporais de baixo e alto Riscos Relativos (RR) foram calculados no programa SaTScan (versão 9.6), a partir de varredura estatística, com base na população estimada, tendo sido utilizado raio de 25 mil quilômetros quadrados. Foi adotado nível de significância de 5%. Todos os mapas temáticos foram confeccionados no Programa QGIS, versão 2.18.20.

Resultados

Ao longo do período de estudo, foram registradas 88 internações, sendo 2018 (13, representando 14,77% do total), 2016 (11, 12,50%) e 2015 e 2019 (10 registros cada, representando 11,36% cada um) os anos com maiores registros. Os municípios de Boa Vista (31, 35,23%) e Alto Alegre (24, 27,27%) foram os que tiveram maior quantidade de registros de internações. Quanto ao sexo, 59 registros (67,05%) corresponderam a homens. Em relação às categorias de causas, 71 internações (80,68%) referiram-se a agressões por meio de força corporal. No que tange às faixas etárias, o maior número de internações foi observado nos estratos de 20 a 29 anos e de 30 a 39 anos, sendo 25 (28,41%) para cada um.

No que diz respeito às taxas médias, de uma forma geral, percebeu-se aumento de valores do primeiro período para o segundo período, redução do segundo para o terceiro e manutenção de valores das taxas no quarto período. Ao longo do período de análise, destacaram-se os municípios de Alto Alegre (com respectivas taxas de 2,88, 11,28, 46,28 e 6,93), Boa Vista (0,00, 7,99, 46,61 e 33,30), Caracaraí (0,00, 48,26, 46,73 e 183,51), Mucajaí (0,00, 133,45, 0,00 e 111,50) e, em menor escala de valores, Iracema (0,00, 27,53, 13,62 e 0,00). Os municípios de Cantá, Caroebe, Rorainópolis, São João da Baliza e São Luiz apresentaram taxas de valor zero em todos os períodos. De uma forma geral, foram observadas taxas de maiores valores em municípios localizados na parte central do estado, com maior proximidade com as sedes dos DSEI (Fig. 2).

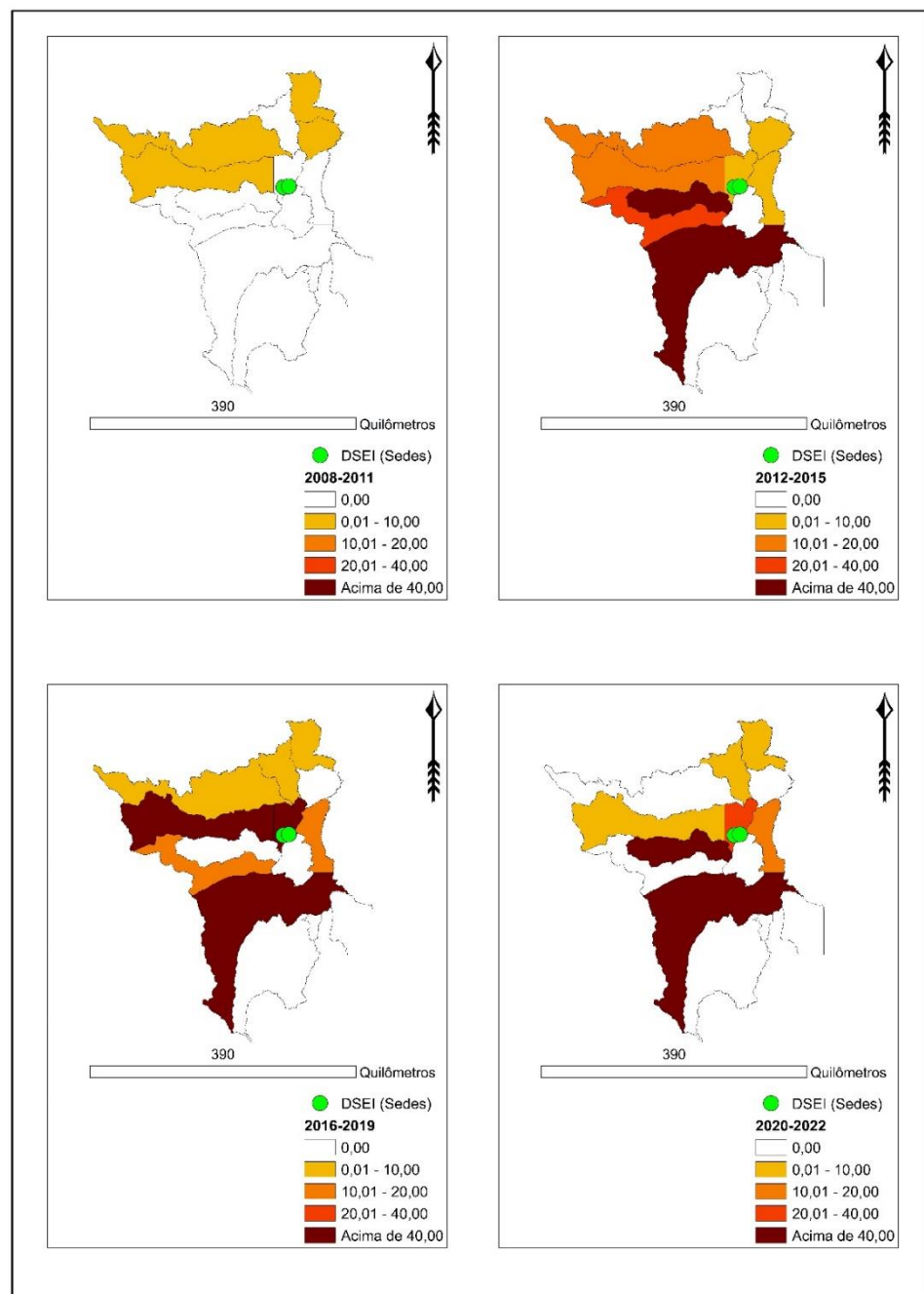


Figura 2 – Taxas médias de internações por agressões em indígenas residentes em Roraima, Norte da Amazônia brasileira, 2008-2022.

Em relação à análise espaço-temporal, foram obtidos dois aglomerados, sendo um de alto risco (Aglomerado 1, formado por três municípios e com RR de 6,76) e um de baixo risco (Aglomerado 2, formado por quatro municípios e com RR de 0,13). Destaca-se a relação de proximidade entre o Aglomerado 1 (municípios de Alto Alegre, Boa Vista e Mucajaí) e as sedes dos DSEI. O Aglomerado 2 (Bonfim, Normandia, Pacaraima e Uiramutã) localizou-se em municípios limítrofes aos do Aglomerado 1 (Fig. 3).

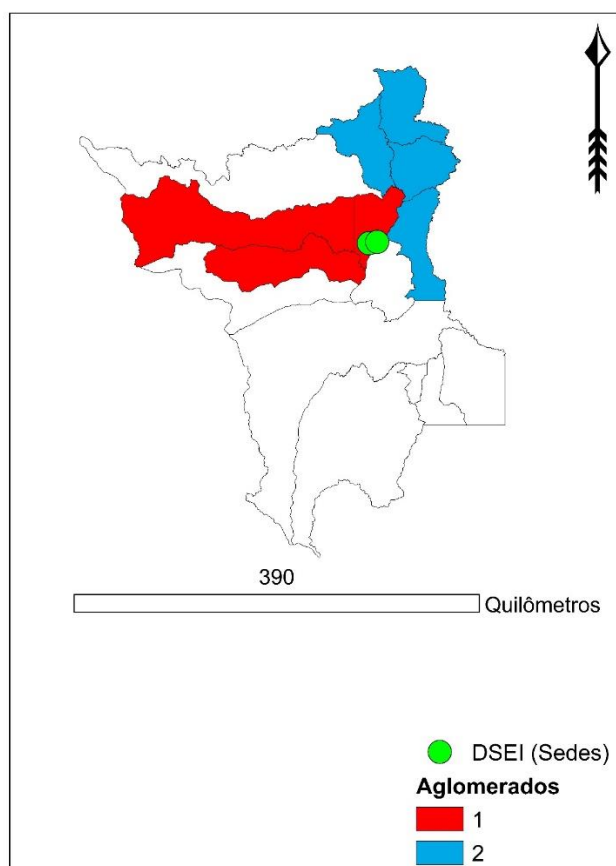


Figura 3 – Aglomerados espaço-temporais de interações por agressões em indígenas residentes em Roraima, Norte da Amazônia brasileira, 2008-2022.

Debates e controvérsias

Com diferentes facetas e significados (SOUSA *et al.*, 2014), a violência está presente em todas as sociedades, sendo um dos problemas da prática política e relacional da humanidade, além de também estar relacionada à teoria social. Devido às suas causas e consequências, o ser humano sempre buscou diminuí-la a partir da compreensão de sua origem, de sua natureza e de seus meios, visando preveni-la e eliminá-la de nossa sociedade. Não obstante, identifica-se um consenso acerca da controvérsia que envolve este tema quando se busca conhecimento sobre o mesmo (MINAYO, 1994).

No Brasil, a violência é tema complexo, gerada a partir de desenvolvimento econômico que aumenta a desigualdade social, não devendo ser compreendida, tampouco atribuída, a somente uma classe ou um grupo (sendo corriqueiro a as-

sociação de estratos sociais mais pobres com desordem social e violência, culpabilizando as classes de menor renda pela presença da violência), na medida em que há uma rede de cumplicidade que acaba por gerar processos sociais que resultam em uma sociedade injusta e desigual. Por isso, pode-se dizer que a violência é multideterminada (MINAYO, 1994a; MACEDO *et al.*, 2001).

Em sua ampla magnitude, episódios de violência não ocorrem de forma acidental, podendo ser evitados e prevenidos via democratização sociopolítica, econômica e cultural a partir da realização de um projeto de nação, progredindo na equidade e na cidadania. A partir da intervenção do poder público em defesa da paz, podem ser geradas ações de mobilização da comunidade que contribuam para reduzir taxas de violência a partir da disponibilidade de novas oportunidades aos grupos de maior risco, mesmo não modificando significativamente fatores causadores das desigualdades culturais e econômicas (BARATA *et al.*, 2008; MACEDO *et al.*, 2001).

No que tange à sociedade indígena, a violência contra estes povos não é recente, observada ao longo da história a partir da colonização da América por espanhóis e portugueses (VIEIRA *et al.*, 2012). Sua histórica incorporação a hábitos originariamente diferentes de seus costumes é reconhecida pela literatura científica, tornando-os vulneráveis a omissões referentes ao campo da saúde, na medida em que apresentam diferentes estágios de desenvolvimento (ALVES, ATANAKA, 2022; QUEIROZ, JUNIOR, 2021; SOBRAL, 2022). Nesse sentido, os registros de agressões podem ser compreendidos como episódios consequentes deste processo de desigualdade cultural, sendo necessárias abordagens multidisciplinares que contemplem a complexidade do tema, que é questão de saúde pública, mas também pertinente às Ciências Sociais.

Em relação a indígenas roraimenses, foi observada uma multiplicidade de situações cotidianas, com pessoas nascidas em cidades, vilas e fazendas fora de Terras Indígenas (TI), o que acaba descaracterizando etnicamente esta parcela da população do estado. Inclusive, em encarcerados, foram observados indígenas que passaram a maior parte de suas vidas em suas comunidades, outros que foram criados em centros urbanos, com longa e frequente convivência na sociedade não-indígena e outros que foram deslocados de suas terras; inclusive, muitos possuem duas ou mais residências, vivendo entre suas comunidades e a capital Boa Vista (BAINES, 2015). Todo este cenário tende a se tornar ainda mais complexo com o histórico de violência vivenciada por estes povos no estado, além de conflitos que envolvem as demarcações das TI, relações marcadas pelo etnodesenvolvimento, que, na visão indígena, é imposto de fora por forças econômicas e políticas, degradando suas formas tradicionais e culturais de existência, sendo entendido, portanto, como uma forma de violência (LISBOA, 2023). Ademais, a população indígena vem encarando outro antigo problema: a prática do garimpo ilegal nas TI, que tem aumentado sistematicamente, levando a consequências relacionadas à reprodução física, tais como contaminação por mercúrio e impactos às tradições, à cultura e aos costumes (ALEIXO *et al.*, 2020).

A partir da realidade presenciada pelos indígenas roraimenses, que vivenciam conflitos violentos gerados pela ocupação da terra por garimpeiros, rizicultores, fazendeiros, muitas vítimas acabam sendo consequência principalmente da força do uso de armas, sendo uma das justificativas a eliminar o risco de internacionalização da Amazônia (VIEIRA *et al.*, 2012). Tal situação tende a aumentar a prevalência de episódios de agressões em indígenas, a partir de uma realidade marcada por intensos conflitos em Roraima. Porém, reforçando os achados encontrados na literatura (ALVES, 2022a; ALVES, 2022b), a partir dos resultados

observados neste estudo, foram observadas maiores taxas de internações em municípios próximos às sedes dos DSEI, o que pode ser consequência da insuficiência do fornecimento de serviços de atenção à saúde indígena, tendendo a registrar maior quantidade de episódios de agressões em áreas próximas a locais onde há disponibilidade destes serviços. Embora Roraima seja o estado brasileiro com maior proporção de pessoas autodeclaradas indígenas (quando comparada a outras Unidades Federativas) (SOUZA e ONETY JÚNIOR, 2017), é contemplado somente com duas sedes de DSEI, chamando atenção para a possibilidade de ampliação da rede de atenção à Saúde Indígena.

Outro ponto a ser destacado é que a divisão dos DSEI em polo-base (agrupando comunidades próximas e que facilitam o deslocamento das equipes de saúde) responde mais ao governo do que aos indígenas, já que há isolamento de grupos em algumas localidades, principalmente em períodos chuvosos, dificultando (ou mesmo impedindo) o trânsito das equipes, levando os residentes (dependentes de ações externas, geralmente oriundas do Estado) à situação de vulnerabilidade. Também devem ser considerados a próxima extensão territorial da Amazônia brasileira e os diferentes perfis urbanos de suas cidades, que somados às grandes distâncias geográficas (marcadas por ilhas, rios, igarapés e lagos), dificultam ações no campo da saúde; desta forma, os serviços de saúde devem contemplar todas estas particularidades amazônicas (o que não ocorre na prática, pois há insuficiente suporte para as necessidades locais) (GARZONI e BETHONICO, 2019; COUTO, 2020).

Por haver certa escassez de estudos neste estado (principalmente no que tange a indígenas), há necessidade de trabalhos mais refinados sobre a temática, colaborando para o delineamento de políticas que visem melhorar a assistência à saúde destes povos (SOUZA e ONETY JÚNIOR, 2017; HAYD *et al.*, 2008). Ao mesmo tempo, valoriza-se o presente trabalho, na medida em que proporciona discussão sobre temática pouco explorada, principalmente na área de estudo em questão.

Em se tratando de estudo baseado em dados secundários, erros ou confundimentos provenientes de digitação, por exemplo, podem ser uma de suas possíveis limitações. Adicionalmente, por utilizar dados agregados, não se pode realizar inferências em nível individual, resultando no chamado viés ecológico. Também deve-se salientar o uso de dados referentes ao Censo de 2010, podendo gerar erros referentes ao tamanho populacional; além do mais, pelo fato da raça/cor ser relatada pela própria pessoa, muitos indígenas não se declaram como tal devido a preconceitos históricos. Outro ponto a considerar é o próprio tema de agressão, que é dotado de complexidade (podendo ter episódios não registrados, o que foi observado em estudo sobre óbitos por suicídio em indígenas (PINTO *et al.*, 2020; FAÇANHA *et al.*, 2006; WANZINACK *et al.*, 2019; SOUZA, ONETY JÚNIOR, 2017).

Considerações finais

O presente estudo buscou analisar uma temática não muito abordada pela literatura científica, mas que possui grande relevância dentro da saúde pública não só do estado de Roraima, como também para o país como um todo. A partir das internações por agressões, objetivou-se avaliar a questão da violência, chamando atenção para uma possível subnotificação de registros, explicada pelas distâncias aos DSEI e pela própria complexidade que envolve estes episódios.

Destaca-se o uso de mapas temáticos como ferramenta de análise, trazendo uma metodologia inovadora para abordagem da problemática. A partir do trabalho no espaço e no tempo, buscou-se evidenciar áreas prioritárias para ações e serviços em saúde; nesse sentido, sugere-se ampliar a atenção à saúde da população indígena em áreas distantes dos locais de atendimento e reforçar a atenção em áreas onde os serviços possuem maior presença, com o intuito de melhorar a qualidade de vida desta parcela da população, muitas vezes negligenciada.

Longe de compreender a questão como encerrada e totalmente compreendida, levanta-se a reflexão para a temática da violência como questão multifatorial, consequência de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. As próprias características dos episódios de violência (a maioria deles ocorreu em homens, em idades de 20 a 39 anos e referiram-se a agressões por meio de força corporal) demonstram a necessidade de análises de maior profundidade, motivo pelo qual incentivam-se novos estudos que contemplem a coleta de dados primários por meio de entrevistas e/ou questionários, possibilitando análises mais refinadas. Desta forma, buscar-se-á a compreensão das lacunas acerca da questão da violência envolvendo a população indígena.

Recebido em 27 de janeiro de 2024.

Aceito em 27 de março de 2024.

Referências

ALEIXO, Eriki; LIMA, Ariene dos Santos; AURELIANO, Ivo Cíprio. Mortes, invasões e garimpo em Terras Indígenas no estado de Roraima: entre mobilizações étnicas e conflitos sociais. *Vukápanavo: Revista Terena*, 3: 13-36, 2020.

ALVES, Mario Ribeiro. Acidentes de Trânsito em Mato Grosso: comparação entre indígenas e não-indígenas (2007-2022). *Revista Interciência*, 1 (9): 27-36, 2022. 2022a.

ALVES, Mario Ribeiro. Subnotificação de acidentes de trânsito em indígenas residentes em Rondônia, Amazônia ocidental brasileira: análise no espaço e no tempo (2008-2022). *RESU – Revista Educação em Saúde*, 10 (2): 84-94, 2022. 2022b.

ALVES, Mario Ribeiro; ATANAKA, Marina. Análise da situação epidemiológica da tuberculose em indígenas do estado de Mato Grosso, Amazônia, Brasil (2001-2020). *Revista Univap*, 28 (57): 1-15, 2022.

BAINES, Stephen Grant. A situação prisional de indígenas no sistema penitenciário de Boa Vista, Roraima. *Vivência: Revista de Antropologia*, 1 (46): 143-158, 2015.

BARATA, Rita Barradas; RIBEIRO, Manoel Carlos Sampaio de Almeida; DE SORDI, Meri. Desigualdades sociais e homicídios na cidade de São Paulo, 1998. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 11 (1): 3-13, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política nacional de atenção à saúde dos povos indígenas - 2ª edição*. Brasília. Fundação Nacional de Saúde. FUNASA, 2002.

COUTO, Rosa Carmina de Sena. Saúde e ambiente na Amazônia brasileira. *Novos Cadernos NAEA*, 23 (3): 167-178, 2020.

FAÇANHA, Mônica Cardoso; PINHEIRO, Alicemaria Ciarlini; LIMA, José Rubens Costa; FERREIRA, Maria Lucy Landim Tavares; TEIXEIRA, Gisele Façanha Diógenes; ROUQUAYROL, Maria Zélia. Hanseníase: subnotificação de casos em Fortaleza – Ceará, Brasil. *Anais Brasileiros de Dermatologia*, 81 (4): 329-336, 2006.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. *Áreas dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas*. 2021a.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. *Sedes dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas*. 2021b.

GARZONI, Elionete de Castro; BETHONICO, Maria Bárbara de Magalhães. Região e etnorregião – um olhar a partir da realidade dos povos indígenas de Roraima, Brasil. *Caderno de Geografia*, 29 (esp. 2): 172-189, 2019.

HAYD, R.; OLIVEIRA, A. FERREIRA, M.; LUITGARDS-MOURA, J. Um olhar sobre a saúde indígena no estado de Roraima. *Mens Agitat*, 3 (1): 89-98, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LISBOA, João Francisco Kleba. Etnodesenvolvimento em questão nas Terras Indígenas de Roraima. *Abya-Yala: Revista sobre acesso à Justiça e Direitos nas Américas*, 1 (1): 266-280, 2023.

MACEDO, Adriana C; PAIM, Jairnilson S; SILVA, Lígia M Vieira; COSTA, Maria da Conceição N. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 35 (6): 515-522, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, 10 (Supl. 1): 7-18, 1994. 1994a.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Inequality, violence, and ecology in Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, 10 (2): 241-250, 1994. 1994b.

PINTO, Isabella Vitral; RIBEIRO, Adalgisa Peixoto; DOS SANTOS, Ana Pereira; BEVILACQUA, Paula; LACHTIM, Sheila Aparecida Ferreira; PEREIRA, Vinícius Oliveira de Moura; MALTA, Deborah Carvalho. Adolescências feridas: retrato das violências com arma de fogo notificadas no Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23 (supl. 1): e200002, 2020.

QUEIROZ, Sandra Bomfim; JUNIOR, Ivan França. Repertório discursivo valorativo eugênico reverberando para o descredenciamento da presença obrigatória das temáticas relativas à saúde indígena nos cursos da saúde na contemporaneidade. *Anais X Seminário Nacional do Centro de Memória-Unicamp – Independência ou Morte? Memórias do Brasil (1822-2022)*. Campinas: Unicamp, 2021.

SOBRAL, Fábio Batista. Por uma atenção diferenciada em Saúde Indígena. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, 3 (4): 1-11, 2022.

SOUSA, Geziel dos Santos; MAGALHÃES, Francismeire Brasileiro; GAMA, Isabelle da Silva; LIMA, Maria Vilma Neves; ALMEIDA, Rosa Livia Freitas; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza; BEZERRA FILHO, José Gomes. Determinantes sociais e sua interferência nas taxas de homicídio em uma metrópole do nordeste brasileiro. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, Suppl DSS: 194-203, 2014.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte; ONETY JÚNIOR, Ricardo Tadeu da Silva. Caracterização da mortalidade por suicídio entre indígenas e não indígenas em Roraima, Brasil, 2009-2013. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26 (4): 887-893, 2017.

VIEIRA, Jaci Guilherme; SILVA, Paulo Sérgio Rodrigues; MATTIONI, José Victor Dornelles. Violência contra os povos indígenas em Roraima e luta pela homologação da Reserva “Raposa Serra do Sol” (1970-2009). *Canoa do Tempo – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*, 5/6 (1): 113-135, 2012.

WANZINACK, Clóvis; SIGNORELLI, Marcos Claudio; SHIMAKURA, Silvia; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes; POLIDORO, Mauricio; OLIVEIRA, Lilian Blanck; REIS, Clóvis. Indigenous homicide in Brazil: geospatial mapping and secondary data analysis (2010 to 2014). *Ciência & Saúde Coletiva*, 24 (7): 2637-2648, 2019.